

Rádio MEC-AM: Uma Emissora em Defesa da Cidadania? ¹

Ana BAUMWORCEL ²

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

Este artigo averigua se a Rádio MEC-AM, criada como uma emissora educativa-cultural, estaria renovando a sua missão para orientá-la para a defesa da cidadania. A pesquisa empírica tem como objeto cinco programas que se definem nessa vertente. Foram analisados programas voltados para grupos específicos, como *Ecos da terra* (gênero e sustentabilidade), *ZoaSom* (jovens) e *Estação brincadeira* (crianças). Além deles, outros dois programas para o público em geral, como *Bate-papo ponto com* e *Todas as vozes*, foram objetos de estudo. A partir da observação e da realização de entrevistas semiestruturadas com os jornalistas que os produzem, identificou-se limites, desafios e perspectivas da trajetória de compromisso com a cidadania que uma rádio pública deveria seguir, de acordo com a Unesco.

Palavras-chave: Rádio MEC-AM; rádio pública; programação; cidadania.

Ao completar 81 anos, em 2017, a Rádio MEC-AM, criada como uma emissora educativa-cultural, teria renovado a sua missão para orientá-la para a defesa da cidadania? Esta é a questão central que este artigo busca averiguar. Em 2006, há exatamente 11 anos, Orlando Guilhon³ defendeu, durante debate na INTERCOM, que o centro de atuação profissional da Rádio MEC era a educação para a cidadania, buscando desenvolver valores universais como democracia, ética, pacifismo, humanismo, solidariedade, justiça social e criatividade.

Nosso foco educacional está voltado para a cidadania e a inclusão. Educação para a cidadania, ajudando a formar cidadãos com espírito crítico, estimulando a organização e a participação popular, desenvolvendo campanhas de conscientização sobre os mais variados temas sociais. Programas de inclusão de mulheres, crianças, jovens, portadores de deficiência, enfim para os marginalizados da nossa sociedade. Nossa missão institucional está intrinsecamente ligada ao objetivo de formar novas plateias, novos hábitos culturais. Outro objetivo tem sido o da democratização da informação, tentando dar voz a quem não tem, fazendo a cobertura jornalística dos movimentos sociais mais representativos de nossa sociedade, garantindo a pluralidade e o contraditório, tratando de evitar a manipulação da informação e o jornalismo “oficialista”, buscando trabalhar com ética, como deve ser o papel de uma rádio pública (GUILHON, 2006).

Em 2016, ao completar 80 anos, o *site* da Rádio MEC-AM divulgava a emissora como

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Doutora Associada e Pesquisadora da área de Rádio da Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: anabaumw@yahoo.com.br.

³ Diretor da Rádio MEC e vice-presidente da Associação de Rádios Públicas do Brasil, em 2006.

uma emissora educativa-cultural voltada para a experimentação, para os conteúdos colaborativos e para a difusão da música popular brasileira, com 24 horas diárias de programação. [...] prioriza a música popular brasileira, os programas infanto-juvenis, a interatividade com o ouvinte, temas como infância, sustentabilidade, inclusão, questões de gênero, educação, movimentos sociais etc. [...] A busca pela excelência, pela plasticidade sonora, pela diversidade, pelo público infanto-juvenil, pelo experimentalismo e pelos novos artistas, sempre apoiada nas temáticas dos direitos humanos e na diversidade regional, fez com que a emissora diversificasse sua programação que hoje é composta por cerca de 40 programas (RÁDIO MEC, 2016).

Em recente artigo (BAUMWORCEL, 2016), já defendia que, talvez, o desafio de emissoras que se denominam educativas, públicas, seja o de contribuir para a construção de um novo modo de pensar que questione a concepção de mundo hegemônica e o senso comum. Como lembra Vigil (2003), só o que aparece na mídia existe. O que a imprensa silencia não aconteceu. Cabe, então, a emissora educativa, pública, ampliar o cenário, diversificar os atores sociais, apresentar mais opiniões, criar outra agenda para dar visibilidade aos fatos, versões e protagonistas silenciados. Teria, então, a Rádio MEC AM uma programação que amplia a visibilidade pública de enfoques ideológicos diversificados e que contribua para aumentar repertórios e discutir valores cidadãos?

O pesquisador Guillermo Orozco Gómez pode se somar a este debate. Na conferência “Comunicação e educação: caminhos integrados para um mundo em transformação“, proferida na abertura do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em 2016, na USP, em São Paulo, defendeu que a cidadania contemporânea se constrói muito mais em frente às telas e dispositivos, do que nas ruas.

Conhecemos o mundo mediados por dispositivos, que trazem representações de objetos, com verossimilhança, mas que são representações com seus efeitos cognitivos e emocionais. A vida hoje é cada vez mais uma experiência midiática informacional. Estamos conectados com dispositivos através dos quais produzimos conhecimento. [...] Nascemos como audiência desses dispositivos e ser audiência é o *status* distintivo dos cidadãos. [...] Hoje os direitos das audiências se misturam com os direitos de cidadania (GÓMEZ, 2016).

O pesquisador mexicano citou os direitos à representação, à recepção e à interlocução da audiência junto à mídia, como fundamentos do direito da comunicação cidadã. Orozco defendeu ser necessário fortalecer uma cultura de direitos da comunicação para fundamentar nosso “ser e estar” enquanto audiência e como cidadãos num cenário midiático. “Temos que ter uma perspectiva integradora dos direitos humanos e da comunicação. [...] Não é só diversão e informação, estes dispositivos produzem uma visão de mundo midiaticizada e isso é um problema educativo e político”, declarou Orozco.

Peruzzo (1999) estuda a questão da cidadania no campo da comunicação. A pesquisadora se baseou em autores como Barbalet (1989), Marshall (1967), entre outros, para estudar a trajetória do conceito de cidadania que varia no tempo e no espaço, conforme o período histórico e o contexto vivido em cada sociedade. A cidadania é a conquista de direitos e o exercício de deveres que dependem da participação política dos cidadãos, mas não se restringem apenas às liberdades individuais, inclui direitos sociais coletivos⁴. Em suas pesquisas, Peruzzo ressalta a contribuição que a comunicação pode dar para o desenvolvimento do processo educativo para a cidadania, valorizando a participação ativa de diferentes segmentos da população e de movimentos sociais organizados. Estaria, então, a Rádio MEC-AM, enquanto uma emissora pública, contribuindo para o desenvolvimento da educação para a cidadania? Estaria garantindo os direitos à representação e à interlocução de sua audiência em sua programação?

Os programas de cidadania da Rádio MEC-AM

A partir da observação e da realização de entrevistas semiestruturadas com os profissionais de cinco programas da Rádio MEC AM, identificou-se limites, desafios e perspectivas da trajetória de compromisso com a cidadania que uma rádio pública deveria seguir de acordo com a Unesco, que definiu os seguintes princípios para caracterizar uma emissora pública:

Universalidade, que diz respeito à igualdade e à democracia, na medida em que enfatiza a necessidade da radiodifusão pública ser acessível e voltada para todos; *Diversidade*, que complementa a ideia de universalidade ao indicar a relevância que há em se oferecer diferentes possibilidades em termos de gêneros de programas, público-alvo e temas discutidos. *Independência*, cujo objetivo central é fazer circular ideias, opiniões e críticas em um fórum que seja livre de interesses particulares, pressões comerciais e/ou influências políticas; *Diferenciação*, que aponta para a necessidade de se ofertar uma programação que se caracterize não apenas por produzir conteúdos menos abordados/transmitidos na mídia comercial, mas sim por criar e produzir conteúdos plurais, sem negligenciar nenhum gênero (UNESCO).

A pesquisa empírica tem como objeto cinco programas que se definem na vertente da cidadania. Três destes programas saíram do ar em 2016. Eram programas voltados para grupos específicos, como *Ecos da terra* (gênero e sustentabilidade), *ZoaSom* (jovens) e

⁴ A cidadania inclui: a) direitos no campo da liberdade individual: liberdade, igualdade, locomoção e justiça; b) direitos de participação no exercício do poder político: participação política em todos os níveis: eleições, plebiscitos, participação em órgãos de representação, tais como sindicatos, movimentos e associações; c) direitos sociais: direito e igualdade de usufruto de um modo de vida digno, através do acesso ao patrimônio social, ligado ao consumo, ao lazer, condições e leis do trabalho, à moradia, à educação, à saúde, à aposentadoria etc (PERUZZO, 1999, p. 210).

Estação brincadeira (crianças). Apesar de esses três programas não fazerem mais parte da grade de programação da Rádio MEC-AM, eles ainda podem ser acessados pela internet e foram mantidos neste artigo pelo significado que podem ter agregado à missão da emissora. Além disso, é importante, também, que experiências diferenciadas fiquem registradas para futuros estudos de outros pesquisadores da história do rádio no Brasil.

Os outros dois programas selecionados para a pesquisa continuam sendo transmitidos pela Rádio MEC AM. *Bate-papo ponto com* e *Todas as vozes* são veiculados de segunda a sexta e se destinam ao público em geral. A maior parte dos programas voltados para as questões da cidadania foi selecionada pela Rádio MEC AM para compor sua grade no Banco de Projetos da EBC, que é uma plataforma online para receber propostas, cadastradas para a avaliação da empresa, de coprodução de conteúdos independentes. De acordo com o site da EBC:

Trata-se de um modo simplificado e sustentável de submissão de projetos para realização de programas com conteúdos artísticos, educativos e culturais a serem transmitidos nos veículos da Empresa Brasil de Comunicação. Conforme a Lei 11.652/2008, que institui os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública e constitui a Empresa Brasil de Comunicação, é conteúdo independente aquele “cuja empresa produtora, detentora majoritária dos direitos patrimoniais sobre a obra, não tenha vínculo com empresas de radiodifusão [...]” (EBC, 2016).

A seguir serão apresentadas as principais características de cada um desses programas.

Programa Todas as vozes

Com o *slogan* "Você vai ouvir aqui, o que não anda ouvindo por aí"⁵, o programa *Todas as vozes*, apresentado pelo jornalista Marcus Aurélio de Carvalho, vai ao ar, pela Rádio MEC 800 KHZ e pelo *site* da emissora das 7h20 às 10 h, de segunda a sexta, desde o dia 26 de maio de 2014. Marcus Aurélio explica como surgiu a ideia do programa:

A ideia nasceu a partir da percepção de que os debates nas redes sociais estavam se tornando cada vez mais marcados pela intolerância. Era preciso estimular um debate em que todos se respeitassem. A partir dessa percepção, foi criado “*Todas as vozes*: aqui a intolerância é zero”. O programa faz um convite à troca de ideias, à polêmica e à participação do ouvinte. *Todas as vozes* é uma revista interativa, um espaço de cidadania [...]. A participação do ouvinte por telefone, *WhatsApp* e redes sociais é uma das principais características. A maioria dos ouvintes interage para opinar sobre o tema do dia, mas os participantes podem fazer denúncias, sugerir temas, críticas e até votar, se quiserem que um dos quadros do programa, por exemplo, continue ou seja modificado. Nesses dois anos e cinco meses do

⁵ De autoria de Marcus Aurélio de Carvalho, desde a época em que coordenava e apresentava o programa de rádio *Notícias do Brasil* do IBASE (dezembro de 1990 a março de 1994), esse *slogan* sintetiza a preocupação da equipe em trazer opiniões diferenciadas em relação às que são apresentadas pela mídia tradicional.

programa, recebemos participações de ouvintes que se declararam impressionados pelo fato de o *Todas as vozes* ser um dos poucos espaços públicos em que os ouvintes divergem uns dos outros num clima de respeito. Ou seja, com polêmica, mas sem autoritarismo, sectarismo e intolerância (CARVALHO, 2016).

O programa *Todas as vozes* se divide em vários quadros, além do debate sobre o tema do dia. “O rádio faz história”, apresenta momentos marcantes da história desta mídia, ilustrados pelo áudio de diferentes emissoras do Brasil; “Essa letra, essa música”, traz curiosidades sobre a MPB; “Ciência no rádio – fenômenos no ar”, divulga novidades do mundo da ciência a partir de uma parceria com o Observatório Nacional. Há também o quadro “Atitude inclusão”, com entrevistas sobre os direitos das pessoas com deficiência e de outros movimentos de inclusão social; além do quadro “Vozes da Baixada”, que fala sobre as iniciativas sociais vitoriosas da Baixada Fluminense.

Comentários esportivos também têm espaço em *Todas as vozes*. O programa conta com apoio das equipes de jornalismo e de esportes das emissoras de rádio da EBC - Empresa Brasil de Comunicação. Além de Marcus Aurélio de Carvalho na direção e locução, participam Marcos Leite, na pré-produção; a estagiária Jessica Ferreira, dando apoio no estúdio; e Lucas Alexandre, na sonoplastia. O público alvo é formado por pessoas com 30 anos ou mais, classes B e C, da cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana, segundo Marcus Aurélio:

Pelo IBOPE, o programa oscila entre dois e três mil ouvintes por minuto em cada mês. As dificuldades de sintonia da banda AM dificultam a ampliação da audiência no rádio. Porém, o programa apresenta resultados marcantes na internet. Em um ano, cresceu de 7.060 para 67.992 visitantes únicos. Os números foram enviados pela Superintendência de pesquisa da EBC, em Brasília, a partir dos dados do *Google Analytics*, na comparação entre o período de 1 de janeiro a 10 de setembro de 2014 com 1 de janeiro a 10 de setembro de 2015. Foi um crescimento de visitantes pouco comum em uma página de emissora de rádio. O visitante único é considerado um balizador consistente, visto que é registrado a partir do IP - Internet Protocolo - de cada computador. Mesmo que de cada IP o usuário entre centenas de vezes na página do *Todas as vozes* será registrada apenas uma visita (CARVALHO, 2016).

Em relação ao formato do programa *Todas as vozes*, Marcus Aurélio defende a necessidade de desconstrução da imagem de que o rádio educativo não é interessante e atraente para o público:

Queremos promover a diversidade em formato dialógico de participação. Nosso objetivo é contar, com áudio, registros marcantes da história do rádio; valorizar pautas positivas das periferias urbanas; promover a inclusão social; e provar que é possível fazer rádio educativo de forma descontraída e eficiente. O programa *Todas as vozes* também tem variados recursos de sonoplastia. Busca fazer uma

companhia agradável e dinâmica para as rotinas do início das manhãs de nossos ouvintes. É uma rádio revista de variedades, ao vivo, quente e que busca gerar pertencimento na relação com os ouvintes (CARVALHO, 2016).

Programa Bate-papo ponto com

Apresentado por Cadu Freitas e com o *slogan* “A sociedade nas ondas do rádio”, *Bate-papo ponto com* vai ao ar de segunda a sexta, das 11 h 05 às 12 h, pela Rádio MEC-AM 800 KHZ e pela *web*, desde março de 2014. O programa debate temas da atualidade, como ansiedade antes de provas, segurança pública no Rio, remoção de favelas, entre outros, e busca formar um novo público, que estaria atualmente mais conectado nas redes sociais do que na escuta radiofônica. O programa já explicita isso ao fazer menção à internet e incluir o ponto com em seu nome. O diferencial é o convite feito para que jovens (normalmente dois) sejam os entrevistadores de um especialista sobre o tema do dia, além da mediação do âncora, como destaca Cadu Freitas.

Resolvemos mudar o formato do programa anterior que tinha como foco temas a serem debatidos apenas por especialistas. Para tentar aumentar a interatividade e estarmos mais atualizados, resolvemos buscar temas também nas redes sociais e trouxemos um público mais jovem para a emissora, convidando alunos de várias áreas das universidades para fazerem parte do programa como entrevistadores. Abrimos espaço para a intervenção, ao vivo, de ouvintes por telefone, *Facebook* e *WhatsApp*. Além disso, a ideia foi levar o programa para além dos estúdios. Em algumas ocasiões o *Bate-papo ponto com* é apresentado direto das universidades ou de outros locais. De lá pra cá, o projeto foi assertivo. Melhoramos a audiência no *dial* e nos acessos ao *site* e às redes sociais, com o compartilhamento sendo feito por jovens, especialistas e instituições envolvidas (FREITAS, 2016).

Apesar da preocupação em trazer os jovens para dentro do estúdio da rádio, atualmente, na Avenida Gomes Freire, na Lapa, Rio de Janeiro, Cadu Freitas esclarece que o programa *Bate-papo ponto com* se destina ao público em geral.

Queremos apenas ampliar o interesse dos jovens pelo rádio, mas não é um programa que tenha foco só nesse público específico. Os índices de audiência começaram a ser apresentados faz pouco tempo através do contrato que foi feito pela EBC com o IBOPE. Como a base anterior era muito pequena os índices cresceram razoavelmente, mas não de forma significativa. Há uma perda de ouvintes de AM de uma forma geral, segundo o IBOPE. Não só de jovens. A audiência segue para FM. Mas acredito que a *web* pode ser um novo caminho (FREITAS, 2016).

Pela internet, houve um crescimento significativo da audiência de *Bate-papo ponto com*. O acesso pode ser feito através do *site* e o internauta pode ouvir e baixar o programa na hora que quiser, pois eles ficam disponíveis na rede, mesmo depois de terem sido transmitidos ao vivo. No trimestre de julho, agosto e setembro de 2016, o programa *Bate-*

papo ponto com alcançou 53 mil 835 pessoas, segundo a pesquisa feita pela Rádio MEC AM em seu *Facebook*, como demonstra o quadro abaixo.

		JUL	AGO	SET	TOTAL
BATE-PAPO	Quantidade de posts	12	13	11	36
	Reações, comentários e compartilhamentos	436	1749	572	2757
	Pessoas alcançadas	13267	30171	10397	53835

Figura 1 : Resultado do trimestre (julho, agosto, setembro de 2016) com base no *Facebook* da Rádio MEC AM.

O jornalista Cadu Freitas enfatiza quais são os objetivos do programa *Bate-papo ponto com*.

Nosso objetivo é gerar interesse do público em pautas, das mais diversas possíveis, dentro do contexto da educação, cidadania, meio ambiente, saúde, política e economia. Queremos dar espaço para ampliar o tempo de reflexão, sem cortes e de forma dinâmica, simples e carismática. Por conta disso, conseguimos manter e aumentar sempre o banco de fontes de especialistas e instituições ligadas a todos os setores da sociedade. Além de sermos procurados por várias assessorias de imprensa com interesse em apresentar pautas interessantes (FREITAS, 2016).

Dividido em blocos e sobre um tema único a cada dia, *Bate-papo ponto com* tem locução de Cadu Freitas e produção de David Isidoro. O estilo do programa é o de uma conversa descontraída e o apresentador busca criar um clima de intimidade com o ouvinte e com os jovens entrevistadores, perguntando, por exemplo, a origem do nome deles, quando são nomes diferentes, etc.

Programa Ecos da Terra, gênero e sustentabilidade

O programa *Ecos da Terra, Gênero e Sustentabilidade* começou a ser veiculado na Rádio MEC-AM, 800 KHZ, e pela *web* em agosto de 2015, mas ele é uma proposta de continuação do programa *Planeta Lilás*, que era transmitido, anteriormente, pela Rádio MEC-AM. Apresentado por Denise Viola, *Ecos da Terra* ia ao ar de segunda a sexta-feira, de 10 h 05 às 11 h e não está sendo veiculado desde julho de 2016 pelo fato de seu contrato não ter sido renovado pela emissora. A alegação é de “falta de verbas”. Denise Viola conta como surgiu o programa.

A ideia veio de uma iniciativa anterior. O programa foi proposto à MEC como desdobramento do *Planeta Lilás – A voz das mulheres na Cúpula dos Povos*, produzido e veiculado em 2012, por ocasião da Rio +20. A partir da articulação com mulheres de diversas redes e coletivos, como Rede de Mulheres da AMARC, Rede de Mulheres em Comunicação, Rede Mulher e Mídia, AMB (Articulação de Mulheres Brasileiras), Marcha Mundial das Mulheres, COJIRA (Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial), SOS Corpo, REDEH, Instituto Equit, entre outras, mantivemos no ar, durante todos os dias da Cúpula dos Povos, uma

programação produzida e apresentada por mulheres de diversas realidades. De forma coletiva e colaborativa, na qual também buscávamos contemplar nossa diversidade, apresentamos temas relacionados à sustentabilidade a partir de uma perspectiva feminista (VIOLA, 2016).

Voltado para o público feminino e para os interessados em questões sobre o meio ambiente, o programa *Ecos da terra* contava com a participação e apoio de representantes de diversas entidades de gênero. Era formado por quadros, como “Ecos do pensamento”, às sextas, quando, em função de uma parceria com a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, eram feitas entrevistas sobre questões comportamentais ligadas ao gênero, à sexualidade, ao racismo, etc. Nas terças, o quadro “Ecos do mundo” trazia uma correspondente feminista da Rede de Mulheres em Comunicação com temas internacionais sobre gênero e/ou sustentabilidade. Nas quintas, era a vez do quadro “Girando a saia”, com diferentes mulheres que traziam suas notícias e seus olhares, como explica Denise Viola.

Era uma parceria entre redes de mulheres, de norte a sul do Brasil, eram comunicadoras integrantes da Rede de Mulheres da AMARC, Rede de Mulheres em Comunicação, Rede Mulher e Mídia. Era um giro de informação, mas não propriamente de reportagem. Cada uma apresentava sua pauta, seu flash à sua maneira, não padronizada, respeitando o *time* e o sotaque de cada região. O programa se dirigia preferencialmente às mulheres jovens, adultas, idosas, mas o objetivo maior era levar as questões das mulheres também para os homens (VIOLA, 2016).

As entrevistas e quadros eram disponibilizados na internet para ouvir, baixar, compartilhar, mas não o programa na íntegra. Denise Viola enfatiza qual era o objetivo de *Ecos da terra*.

Mais do que informar, era envolver as pessoas com as questões tratadas para mobilizar, fazer com que se sentissem corresponsáveis pela construção de uma sociedade melhor. As pautas eram as mais diversas, sempre buscando ir além do senso comum. No caso da sustentabilidade, por exemplo, procurávamos ouvir os protagonistas de histórias positivas, mesmo com o convívio com a seca, os casos de agricultura orgânica, iniciativas de educação ambiental, de recuperação de áreas degradadas, de resgate do patrimônio imaterial ou os impactados pelo modelo de desenvolvimento atual, com hidrelétricas, megaeventos, etc. A lógica do programa era fazer um contraponto ao que vinha sendo veiculado pela grande mídia ou dar visibilidade ao que não era noticiado. Como a questão de gênero era central no programa, procurávamos ouvir mulheres especialistas nas diversas áreas. Mas procuramos ter o cuidado de não desmerecer, nem desqualificar os homens (VIOLA, 2016).

A apresentadora acrescentou que procurava estimular os ouvintes a sugerirem pautas e que buscava atender a demanda trazida por eles.

Nosso diferencial buscava ser na abordagem, na escolha das fontes e na maneira de abordar as pautas, tentando sempre trabalhar numa linguagem simples, mas não simplória, de forma que os ouvintes pudessem acompanhar os assuntos. Muitas vezes recorremos às redes sociais para definir as pautas a partir do que estava mobilizando as pessoas e para aprofundar ou esclarecer questões relativas aos temas abordados nas entrevistas. Respeitando a dinâmica do rádio e os canais por onde absorvemos as informações e emoções, sempre que o assunto permitia, após a entrevista colocávamos uma música que reforçava o que havia sido abordado. Era uma forma também de “facilitar a digestão” da informação (VIOLA, 2016).

Algumas pautas específicas eram abordadas em programas especiais curtos, como as séries “Marcha das Margaridas – Até que todas sejamos livres!”, “Aborto – um embate pela vida”, entre outras. Em 2016, alguns dos arquivos de áudio com reportagens, como, por exemplo, as que foram feitas para o programa sobre violência contra a mulher, sobre a Baía de Guanabara ainda podiam ser acessadas pelo *site* da Rádio MEC.

Estação brincadeira

Estação brincadeira era uma faixa infantil da Rádio MEC-AM criada em agosto de 2011 e que saiu do ar em julho de 2016, por “falta de verba e crise política”, segundo seus organizadores. Com 3 horas de duração e com muita música, histórias e brincadeiras, era composta de 3 programas: *Café com som*, formado pelos quadros: “Seleção musical”; “Pipocontos”; “Que barulho é esse?” e “Álbum de figurinhas”; *Carro-céu de histórias*, que tinha os quadros: “É o que, é o quê?”; “As aventuras do carro-céu - o carro voador”, que era uma rádio novela para criança; “Ping-pong; o que você vai ser” e “Canto ecológico”, além do programa *Rádio Maluca*, veiculado na emissora desde 2004. Em 2011, então, a Rádio MEC-AM resolveu ampliar o horário destinado às crianças com *Estação brincadeira*⁶. Um dos apresentadores, conhecido como Jujuba esclarece a diferença entre esses programas.

O *Café com som* era um programa de comunicação direta, onde apresentadores mirins se dirigiam as crianças e familiares, apresentando músicas e histórias. O *Carro-céu de histórias*, tinha uma característica mais popular e teatral, sendo apresentado por dois artistas adultos, mas com a frequente participação de crianças convidadas das escolas e comunidades. Nos dois programas, a sonoplastia é marcante, criando para o ouvinte uma atmosfera de “desenho animado” (JUJUBA, 2016).

Os programas eram transmitidos em horários diferentes em várias emissoras: Na MEC AM, aos sábados de 9h às 12h, na Nacional de Brasília às 10h, na Nacional da Amazônia

⁶ A *Rádio Maluca* era um programa de auditório ao vivo para crianças, que saiu do ar depois do falecimento de seu apresentador e criador, Zé Zuca, em maio de 2015. De 2015 até 2016, apenas os outros dois programas infantis continuaram na *Estação brincadeira*.

e Alto Solimões às 13h. A *Rádio Maluca* era também transmitida pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Atualmente, há reprises temporárias de alguns programas antigos que também podem ser acessados pela internet. A equipe era formada por 12 profissionais, sendo Zé Zuca o coordenador; os artistas Jujuba e Ana Nogueira, os produtores e apresentadores que deram continuidade aos programas depois da morte de Zé Zuca; além de 3 crianças - Gaby Souza, Rafa Ferreira e Thales Martorelli - como apresentadores mirins; Radney Mariano na seleção musical; Larissa Cristine e André Luiz Pereira, como assistentes de produção; Marcelo Peregrino, roteirista; Cosme Ubiracy na gravação e edição e Fábio Luiz, na montagem e sonoplastia.

No *blog* do projeto *Estação brincadeira*, foram registradas 58.969 visualizações ao longo dos últimos 5 anos. Nesse período, *Estação brincadeira* produziu 254 programas, com 760 convidados sendo entrevistados, 9.500 crianças participando das gravações e 14 mil pessoas entre crianças, pais e professores que estiveram nos auditórios e nos eventos, participando indiretamente, segundo dados da produtora *Cantos do Rio*, da qual a equipe faz parte.

Os programas eram feitos, ao vivo, em auditórios, como o da Rádio Nacional (antes das obras que interditaram o histórico prédio na Praça Mauá), o da Rádio MEC-AM (quando a emissora funcionava em seu histórico prédio na Praça da República) ou em escolas, em teatros, escolas de samba e espaços comunitários. Quando não era possível levar as crianças para a emissora a equipe ia aos locais onde as crianças estavam e de lá faziam os programas. *Estação brincadeira* fez parceria com 67 instituições entre secretarias de educação, escolas e outras. O artista Jujuba explica como a equipe trabalhava.

Ao longo da produção dos programas fomos sentindo a necessidade de nos aproximarmos ainda mais do nosso público, e criamos o quadro “Por dentro da comunidade”. E aí realizávamos gravações em comunidades e bairros, com a participação das crianças e seus representantes, mostrando os projetos socioculturais, educacionais e esportivos realizados. E essa ideia de integração e aproximação com o nosso público nos levou a realizar projetos paralelos, como as duas participações na Feira Internacional de Paraty (Flipinha), em 2014 e 2015, com transmissão do programa de lá; como as gravações do programa no Simpósio Internacional de Contadores de Histórias, em 2012; como a distribuição de 7.500 Cds com programas da *Estação brincadeira* feitos especialmente para a Secretaria de Educação do Rio de Janeiro utilizar nas salas de aula, como conteúdo paradidático, em 2013, etc (JUJUBA, 2016).

O apresentador da *Estação brincadeira*, Jujuba destaca que o objetivo da equipe era, além de divertir a criançada, promover a cultura brasileira destinada a esse público.

O objetivo central da *Estação brincadeira* é produzir uma faixa de programação infantil, sempre difundindo a cultura e arte brasileiras, com o intuito de formar

novas plateias para o rádio, suprir uma carência de programas dirigidos a este público, associar as emissoras EBC à difusão de programação de qualidade, enriquecer culturalmente às crianças e suas famílias e promover artistas que fazem música para crianças, assim como outros da Música Popular Brasileira e do nosso folclore, como cantores, compositores, individualmente ou em grupo, contadores de histórias, escritores e profissionais de diversas áreas que atuam em prol do universo infantil com qualidade. Colocando no ar os trabalhos desses artistas, abordamos temas, sobre ecologia, saúde, educação, cidadania, combate à dengue, esporte, democracia, africanidades, folclore etc (JUBA, 2016).

Programa ZoaSom

ZoaSom era um programa para jovens feito por jovens vinculados à ONG Criar Brasil. Os apresentadores Clara Araújo e Jorge Ferreira, os repórteres Jaqueline Deister e Artur Seidel têm entre 29 e 34 anos. Apenas o sonoplasta Douglas Vieira não era dessa faixa etária. Com início em 2010 saiu do ar em 2016 pelos mesmos motivos dos outros programas voltados para públicos específicos, como falta de verbas e crise política. Rosangela Fernandes, uma das organizadoras da ONG Criar Brasil conta como foi o fim do programa.

ZoaSom começou na Rádio MEC-AM e, em 2013, devido à reforma do prédio da emissora, iniciamos uma parceria muito rica com a Rádio Roquette-Pinto. Desde então, o *ZoaSom* passou a ser transmitido pela MEC-AM e pela Roquette-Pinto FM. O último *ZoaSom* foi ao ar no dia 16/06/2016. O programa terminou justamente no momento de consolidação do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. A EBC – Empresa Brasil de Comunicação –, responsável pelos recursos que viabilizavam a produção, não renovou o contrato, assim como aconteceu com inúmeros programas da grade a partir da entrada do governo de Michel Temer. A alegação foi a de falta de recursos, mas acreditamos também que o programa que colocava em pauta temas sobre cidadania, com debate amplo e sem censura, passou a não interessar mais à nova administração (FERNANDES, 2016).

ZoaSom era feito ao vivo, todas as quintas, de 14 h às 14 h 55, no auditório da Rádio Roquette-Pinto, na Avenida Erasmo Braga, no centro do Rio e de lá também transmitido para a Rádio MEC-AM. O programa era veiculado pela internet, na íntegra, e disponibilizado para *download* pelo portal Radiotube. Rosangela Fernandes, do Criar Brasil, informa como foi a criação do programa.

Foram feitas adaptações com a criação de quadros e a inclusão de repórter de plateia, responsável pela entrevista com os presentes, e de repórter multimídia. Também foram incorporadas atividades como a transmissão ao vivo pela internet, via *streaming*, e a elaboração de vídeos com os músicos convidados. A escolha dos jovens para apresentação do programa foi através de concurso amplamente divulgado em universidades e emissoras comunitárias. Cada jovem encaminhou uma gravação de sua autoria e após a pré-seleção foi realizada a etapa presencial, no auditório da Rádio Nacional, para a escolha dos finalistas. Mediamos a nossa

audiência pela participação nas redes sociais, *WhatsApp*, *Facebook*, e pela presença física no auditório do programa. Vale destacar que a equipe estabeleceu parcerias importantes com escolas, que levavam seus alunos para acompanhar a atração ao vivo. Muitas vezes, os professores debatiam em sala de aula o tema da semana do *ZoaSom* para que os alunos chegassem mais embasados para participar. Além disso, contávamos também com ouvintes que ligavam para a rádio para comentar e perguntar sobre o tema em questão (FERNANDES, 2016).

O público do programa era desde adolescentes até jovens adultos. O Criar Brasil procurou se aproximar de escolas e grupos sociais voltados para a juventude, para ampliar o número de participantes no auditório e a própria audiência. Esses contatos também contribuíram para a discussão de pauta, diversificando os temas a serem abordados. Um programa que marcou a equipe foi o de número 143 sobre “O Passinho do Menor”, como lembra a jornalista Jaqueline Deister, que era repórter do *ZoaSom*.

Realizamos a atração, no ano de 2013, no pátio da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch e tivemos muita participação dos estudantes. O programa que abordou a violência contra os jovens, através da campanha “Jovem negro vivo”, da Anistia Internacional, também emocionou e aprofundou a discussão sob a ótica de defesa dos direitos humanos. O *ZoaSom* tinha um compromisso com a defesa da cidadania. Buscávamos atrair os jovens para o debate, passávamos por política, educação, cultura, comportamento, escolha profissional, direitos humanos... A intenção era de propiciar o debate com diversos pontos de vista (DEISTER, 2016).

A equipe do *Zoasom* levava, semanalmente, uma banda independente para tocar, ao vivo, no programa. Ao todo, foram 307 temas e bandas que passaram pelo palco do *ZoaSom*, como comenta a repórter Jaqueline Deister.

Vale destacar que o *ZoaSom* foi uma importante porta de entrada para que músicos independentes tivessem o seu trabalho divulgado na rádio. Ao fim do programa, era produzido um vídeo com entrevista e apresentação musical do grupo, divulgado posteriormente pela internet, no quadro “Papo de música”. O *ZoaSom* organizou também dois concursos de bandas, com repercussão positiva na cena musical independente. Resumidamente, o formato do *ZoaSom* contemplava, uma banda independente, dois convidados para o debate com pontos de vista distintos, plateia e participação pelas redes sociais. O programa era dividido em três blocos e a atração musical fazia a costura entre um e outro. O *ZoaSom* tinha um caráter multimídia (DEISTER, 2016).

Cada programa contava com uma pergunta chave para estimular a participação via internet, telefone e *WhatsApp*. Como estratégia para atrair o público jovem, a equipe buscava tratar dos temas por uma ótica da juventude e, sempre que possível, os convidados para falar no debate eram jovens e a divulgação do programa pelas redes

sociais reforçava essa estratégia. Rosângela Fernandes e Jaqueline Deister lamentam o fim do *ZoaSom*.

O espaço que o *ZoaSom* deixou de ocupar no rádio não foi preenchido por nenhum outro programa radiofônico com essas características no Rio de Janeiro. A combinação de reflexão crítica sobre a realidade, a partir do olhar da juventude; a participação de bandas independentes; a realização de um programa ao vivo e de auditório, que se consolidou ao longo de seis anos foi uma experiência que deixa saudade. A Rádio Roquette-Pinto FM mantém viva a possibilidade de voltar a abrir espaço na programação para o *ZoaSom*, mas a falta de recursos para os custos de produção permanece (DEISTER, FERNANDES, 2016).

Considerações finais

Entre os programas descritos, pode-se identificar algumas características comuns. A maioria deles buscava representar determinados segmentos da sociedade, dando espaço para que mulheres, jovens, crianças, portadores de deficiências, entre outros atores sociais tivessem voz. As pautas priorizavam temas de interesse público e os debates traziam pontos de vista diferenciados com a perspectiva de estimular o senso crítico e aumentar o repertório cultural da audiência, produzindo, em alguns momentos, um conteúdo alternativo ao ponto de vista hegemônico dos oligopólios de mídia.

A produção de informações na rede por variados sujeitos e coletivos traz olhares e discursos diversificados e contribui para dar visibilidade aos movimentos contra-hegemônicos. E ao repercutir essas informações e dialogar com diferentes atores sociais, esses programas da Rádio MEC-AM irradiavam ideias que auxiliavam a construção de um novo modo de pensar, contribuindo para a defesa da cidadania. A questão continua sendo valorizar a interação com o ouvinte, mas no sentido de estimular a construção de práticas colaborativas de produção e circulação de ideias e informação, priorizando agendas de direitos da cidadania e de justiça social. No entanto, é necessário destacar que alguns desses programas não estão mais sendo veiculados na Rádio MEC-AM desde 2016. Pode-se observar que a ausência de alguns desses programas na grade atual é reflexo da recente crise ocorrida na emissora e na EBC. Esse trabalho buscou, a partir da escuta dos jornalistas, tentar entender um pouco desse processo.

Em relação aos critérios da Unesco, esses programas respeitam a universalidade, ao procurarem uma linguagem acessível e voltada para todos; a diversidade, ao oferecerem diferentes possibilidades de gêneros de programas, de público-alvo e temas discutidos; a diferenciação, ao apresentarem conteúdos menos abordados e transmitidos na mídia comercial e ao produzirem debates com opiniões plurais.

Por outro lado, a grande dificuldade continua sendo ampliar a audiência numa emissora AM, mas as estratégias de utilizar a potencialidade da convergência de mídias para estimular a participação dos ouvintes parecem, aos poucos, produzir resultados no sentido de atrair um público mais jovem. O que se pode observar é que o maior problema que a Rádio MEC-AM enfrenta, nesses 81 anos, é a antiga questão da interferência governamental e seu corte de verbas públicas.

Nesse sentido, o critério da Unesco de independência que é fundamental para fazer circular ideias, opiniões e críticas, livre de interesses particulares, pressões comerciais e/ou influências políticas não se pode considerar que vem sendo seguido, principalmente, no item de influências políticas. Um problema que acompanha a trajetória dessa “senhora rádio” em todo o seu percurso, acarretando a demissão de profissionais e o fim de programas que faziam a diferença.

Referências Bibliográficas:

ABORTO. Disponível em: <http://radios.ebc.com.br/ecos-da-terra-genero-e-sustentabilidade/edicao/2015-09/cada-dois-dias-uma-mulher-morre-no-brasil>. Acesso em : 31/05/2016.

BAIA DE GUANABARA. Disponível em: <http://radios.ebc.com.br/ecos-da-terra-genero-e-sustentabilidade/edicao/2016-06/ecos-da-terra-debate-baia-de-guanabara>. Acesso em: 31/05/2016.

BARBALET, J.M. **A cidadania**. Lisboa: Estampa, 1989.

BATE-PAPO PONTO COM. Disponível em: http://radios.ebc.com.br/mecamrio_ou_www.radios.ebc.com.br/bate-papo-ponto-com Acesso em : 08/08/ 2016.

BAUMWORCEL, Ana. Desafios do Rádio Educativo no Brasil. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 39, 2016, São Paulo. Anais... São Paulo: Intercom, USP, 2016.

BLOG ESTAÇÃO BRINCADEIRA. Disponível em : <http://estacaobrincadeira.blogspot.com.br> Acesso em: 07/07/2016.

CARVALHO, Marcus Aurélio de. Entrevista concedida a Ana Baumworcel. Rio de Janeiro, 15/10/2016.

DEISTER, Jaqueline. Entrevista concedida a Ana Baumworcel. Rio de Janeiro, 19/10/2016.

DUARTE, Jorge. **Comunicação pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo, Atlas, 2009.

EBC. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/bancodeprojetos/banco-de-projetos-ebc>. Acesso em : 06/06/2016.

ECOS DA TERRA. Disponível em: http://radios.ebc.com.br/mecamrio_ou_www.radios.ebc.com.br/ecos-da-terra-genero-e-sustentabilidade. Acesso em : 31/05/2016.

ESTAÇÃO BRINCADEIRA. Disponível em: <http://radios.ebc.com.br/estacao-brincadeira>. Acesso em : 07/07/2016.

FERNANDES, Rosângela. Entrevista concedida a Ana Baumworcel. Rio de Janeiro, 19/10/2016.

FREITAS, Cadu. Entrevista concedida a Ana Baumworcel. Rio de Janeiro, 16/10/2016.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação e educação: caminhos integrados para um mundo em transformação. São Paulo, USP, 6 de setembro de 2016. Anotações de Ana Baumworcel da Conferência de abertura do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016, São Paulo.

GUILHON, Orlando. Rádio público no Brasil. Brasília, UNB, 6 de setembro de 2006. Anotações de Ana Baumworcel sobre o debate em comemoração aos 70 anos da Rádio MEC no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília.

JUJUBA. Entrevista concedida a Ana Baumworcel. Rio de Janeiro, 17/10/2016.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

PAPO DE MÚSICA. Disponível em <https://www.youtube.com/user/ZoaSomradio>. Acesso em: 06/05/2016.

PERUZZO, Círcia M.K. Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania. In: **Comunicação & Informação**. v. 2, n. 2, p. 205-228, julho/ dezembro, 1999. Disponível em : <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/viewFile/22855/13596>

O PASSINHO DO MENOR. Disponível em: <http://www.radiotube.org.br/audio-20190UzJNySZA>. Acesso em : 06/05/2016.

RÁDIO MEC. Disponível em: <http://radios.ebc.com.br/mecamrio>. Acesso em: 29/05/2016.

TODAS AS VOZES. Disponível em: http://radios.ebc.com.br/mecamrio_ou_www.radios.ebc.com.br/todas-vozes. Acesso em : 01/07/2016.

VIGIL, J. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.

VIOLA, Denise. Entrevista concedida a Ana Baumworcel. Rio de Janeiro, 18/10/2016.

ZOASOM. Disponível em: Radiotube <http://www.radiotube.org.br/meuperfil-2019>. Acesso em: 06/05/2016.

ZUCULOTO, V. A história do rádio público no Brasil: um resgate pela linha do tempo. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 34, 2011, Recife. Anais... Recife: Intercom, UNICAP, 2011.